

BRASÍLIA, 21 ANOS

COMO ISRAEL E JUSCELINO CALCULARAM O CUSTO DA CAPITAL

Carlos Castello Branco

UMA agenda de anotações de Israel Pinheiro, iniciada provavelmente em 1957, há um levantamento a quatro mãos, do autor e de Juscelino Kubitschek, dos custos iniciais da construção da nova Capital, orçados em Cr\$ 6 milhões 170 mil, dos quais, à época, já tinham sido gastos Cr\$ 1 milhão.

A agenda é tumultuada, foi abandonada e retomada para anotações diversas que nada tinham a ver com seu plano inicial. O levantamento de custos parece ter resultado de uma conversa de Juscelino com Israel, interpelada sobre quanto deveria ser gasto. Com letra do Presidente da República, está escrito numa das páginas da agenda:

|                           |           |
|---------------------------|-----------|
| "Essencial                |           |
| Estação Rodoviária        | 50        |
| Palácio Nacional          | 300       |
| Palácio Supremo           | 200       |
| Congresso                 | 600       |
| 11 Ministérios            | 1.000.000 |
| Imprensa oficial          | ?         |
| Eixo Norte/Parkways       | 200.000   |
| Barragem                  | 400       |
| Linha transmissão         | —         |
| Água                      | 400       |
| Esgoto                    | 400       |
| Luz elétrica              | 400       |
| Telefone urbano           | 400       |
| Telefone interurbano      | 400       |
| Asfaltamentos             | 200       |
| Hospital P/Socorro        | xx        |
| Campo da Esperança        | xx        |
| Dois centros educacionais | xx        |
| Monumento da Cidade       | 20        |

5 mil unidades residenciais  
Rodovia Belo Horizonte-Brasília  
Rodovia São Paulo-Brasília  
Ferrovia Pires do Rio-Brasília."

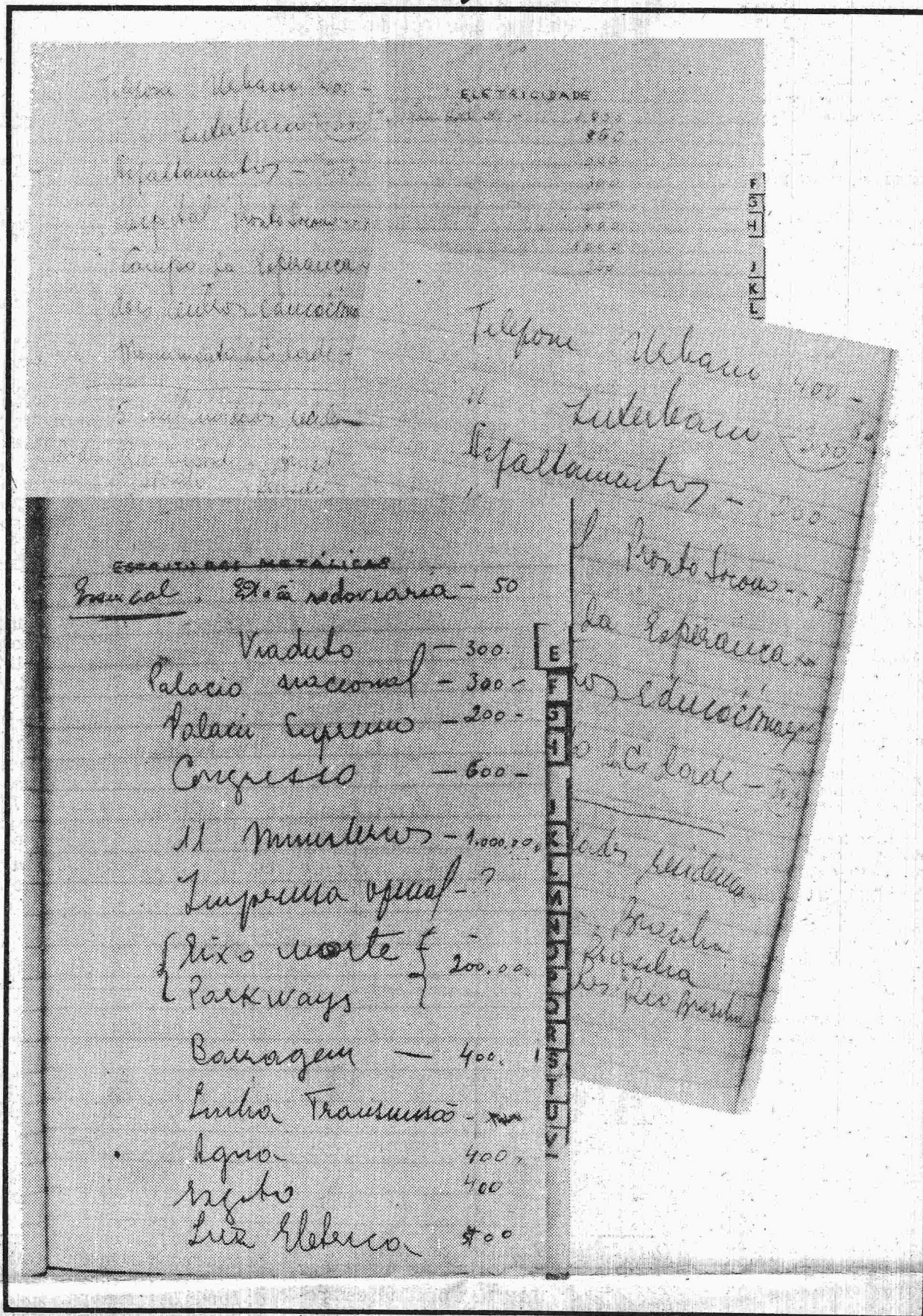
Na página seguinte, precedida da referência ao Palace Hotel, 1.000, com letra de Israel, as diversas parcelas cujos custos foram mencionados são somados e alcançam o total de Cr\$ 6 milhões 170 mil. Em seguida, são deduzidos, como já gastos, Cr\$ 1 milhão. E começa a conta:

|            |         |
|------------|---------|
| "Já gastos | 6.170   |
|            | 1.000   |
|            | 5.170   |
| BNDE       | 400     |
|            | 4.630   |
| CEF        | 300     |
|            | 4.300." |

Há aí um erro de soma, que reduz, com a dedução do financiamento do BNDE, 150 a mais do que ensina a Aritmética. Na página seguinte, continuando a conta, Israel faz uma dedução, de referência ilegível, de 500, com o que diminui mais o cálculo dos custos, apresentando num total de 3.000. Dessa nova importância, ele deduz:

|                 |           |
|-----------------|-----------|
| "Venda de lotes | 3 milhões |
|                 | 700       |
|                 | 2.300     |
| Vendas (?)      | 1.000     |
|                 | 1.300."   |

Quem conheceu os métodos de trabalho de Israel Pinheiro, sumários, truncados, simplificadores, pode supor que ele tenha querido tranquilizar Juscelino quanto à viabilidade financeira do projeto. Na campanha presidencial de 1945, o Brigadeiro Eduardo Gomes fizera discurso de severa crítica a Getúlio Vargas, denunciando gastos excessivos e resultados escassos na implantação da Companhia Vale do Rio Doce. Israel era o autor do projeto e seu executor. Ele foi ao Brigadeiro e explicou: Getúlio não tinha noção de cifras, e se dissesse quanto custaria na verdade a Vale do Rio Doce, a empresa jamais sairia do papel. Foi necessário, portanto, que lhe dissesse inicialmente que faria tudo com Cr\$ 50 milhões, quantia irreal mas na medida do Presidente, que aprovou o plano. Gastos os Cr\$ 50 milhões, foram necessários mais 50, depois mais 100 e finalmente a soma que o Brigadeiro considerava astronômica em relação aos pe-

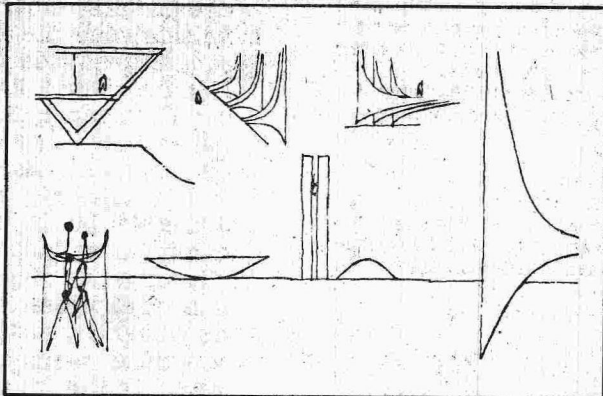


Na letra do Presidente e na de Israel Pinheiro, as estimativas dos gastos com a Capital que surgia e hoje chega à maioria

BRASÍLIA — Juscelino Kubitschek captou a reivindicação, a princípio em Goiás, depois em todo o interior do país, de construir Brasília, segundo determinação constitucional, dos tempos do Império, por inspiração de José Bonifácio. Construir a nova Capital foi um tema vedete de sua campanha. A medida que era aplaudido, ele próprio se convencia. A primeira etapa, no Congresso, ele a venceu sob o fogo cerrado da UDN, que terminou envolvida no projeto e participante da empresa que se incumbiria de erguer a nova cidade — a Novacap.

Se Juscelino adotou a idéia e sonhou com sua exequibilidade, Lúcio Costa projetou a cidade para o local selecionado por comissão especial que completara trabalho de Luís Cruls e do General José Pessoa. A originalidade do plano abriu caminho à participação de Oscar Niemeyer, incumbido de ocupar os espaços arquitetônicos segundo o lineamento urbanístico. A Israel Pinheiro foi confiada a execução da obra. Ele se mudou para o local, vestiu o macacão de candango e revelou-se o mais obstinado e agressivo mestre da engenharia brasileira. Niemeyer também veio para cá, instalou seu ateliê e sua equipe e acompanhou dia-a-dia a execução dos projetos, sempre vistoriada a tarefa de ambos por Juscelino.

A suavidade de Niemeyer e a intratabilidade de Israel haveriam de gerar conflitos, o primeiro zelando pela integridade de suas concepções, o segundo querendo tudo simplificar para ganhar tempo. Os atritos seriam inevitáveis e deles frutificou alguma incompatibilidade. Israel amparava-se em Lúcio Costa, a quem agora o Governo de Brasília encomendou o projeto de um monumento ao candango número 1. Lúcio aceitou o convite, desde que com a colaboração de



Oscar Niemeyer. E explicou a Israel Pinheiro Filho: "O Oscar mudou. Hoje ele já aceita o Israel."

Mas esta reportagem não foi escrita para contar essa história. Seu tema é outro. O estranho e sumário plano de viabilidade financeira discutido entre Israel e Juscelino e anotado numa agenda hoje pertencente a Israel Pinheiro Filho, a quem coube evitar que se trasladassem de Caeté para Brasília os restos mortais de seu pai que, em vida, lhe manifestara o desejo de ser enterrado no mesmo túmulo do velho João Pinheiro, que morreu como Governador de Minas.

Essas anotações breves, sumárias, muitas vezes truncadas, são a matéria-prima da reportagem que apresentamos neste 21º aniversário da Capital do Brasil, embora o desejo da família é de que ela fosse divulgada somente em setembro, época prevista para homenagem ao presidente da Novacap, primeiro Prefeito de Brasília, que desfilou, no dia da inauguração da cidade, à frente do exército de operários — os candangos — que, vindos de todas as partes do país, construíram a cidade hoje com 1 milhão 300 mil habitantes.

caderno

B

quenos resultados. Israel concluiu: antes da Vale poder operar, vai gastar ainda muito mais, mas fazê-la é essencial.

Essa mentalidade terá sido responsável pelos erros de cálculo no projeto de viabilidade econômica feito para uso de Juscelino. Quanto à agenda, pretendia ele anotar tudo quanto dissesse respeito à construção de Brasília, e seu índice diz: "Estradas de acesso, Anápolis-Vianópolis, na letra A; Campo de aviação, C; Caminhos, C 3; Jeeps, J 4; Estruturas metálicas, E 2; Projeto Elétrico, E; Matadouro, MG; Barracas, B 1; Casas madeiras, localizações, L 5; Empréstimos, B; Agricultura, A 9; Viaduto Departamento, V 5; Estradas rodagem, R 6; Estradas ferro, F 7; Organização contabilidade, O; Organização Pessoal, P; Aviação, A; Clube campestre, C; Chácara Funda (Riacho Fundo?), F 8; Blocos cimento, cimento em; Central de concreto, 9."

O projeto foi tumultuado. Na letra C da agenda, lê-se:

"Campo de aviação:  
Escolhido o local do campo e combinado com a firma Cia. Metropolitana de Construções (João Pereira Bastos). Administração 12% pelo prazo de 15 dias a partir do dia 11 para começar."

Na página seguinte, lê-se:

"Caminhões  
Combinado com Severo conseguir a licença e o câmbio para quatro carros Chevrolet e 10 jeeps e contratados 10 FNM para entrega imediata."

Israel Pinheiro foi aluno laureado da Escola de Minas de Ouro Preto. De inteligência rápida e espírito criativo, faltava-lhe paciência para traduzir por escrito as idéias que lhe tumultuavam a cabeça sem lhe perturbar a ação obstinada, aparentemente desordenada mas sempre objetiva e conclusiva. Ele expôs na Câmara a necessidade da mudança da Capital, em discursos que estão nos anais. Ele não resistiu, sem ajuda dos seus ghost writers, a registrar na agenda algumas de suas lucubrações sobre a mudança. O registro em linguagem tosca, agravada pela pouca legibilidade da sua letra, teve sua primeira página arrancada. O que restou diz assim, na medida em que podemos traduzir o texto:

"...ação do Estado, influenciando consideravelmente sobre toda a estrutura do país, sobre todos os interesses e condições de trabalho, dos produtores, dos consumidores, como a questão do crédito, fixação dos preços, construção das vias de comunicação etc, no sentido de uma melhor justiça no desenvolvimento do país. E ainda mais no Brasil dificuldade é principalmente agrícola. E essa orientação ou melhor, essa política econômica, depende da mentalidade que a dirige".

E justamente na formação dessa mentalidade, na distorção a que está sujeita por influência do meio ambiente, que reside a principal causa e a principal razão determinante da mudança:

"Existem razões de ordem direta, locais, que têm influências de diferentes naturezas sobre a alocação".

E adiante:  
"São Paulo justamente por sua razão de instabilidade de ambiente, São Paulo sente o problema porque sente como grande Estado produtor em todos os setores que a ação do Governo sente influências negativas, não pode ficar perfeitamente sintonizada com as necessidades e a assistência pronta.

A mocidade sente.  
As grandes massas sentem.  
Para os nacionalistas então necessitam de argumentos.

A idéia está madura.  
A mentalidade do Brasil tem influência capital — 1) duas civilizações altamente diferenciadas. A sede está no mais elevado. 2) a agricultura em clima tropical exige assistência muito mais direta em todos os sentidos — saúde, etc., homens e plantas. 3) (ilegível) difíceis a ação do Estado tem que ser mais direta.

Inglaterra.  
Algumas páginas em branco, e na que precede o "plano de viabilidade", já transcrito, as seguintes anotações: "dois centros educacionais — Pronto Socorro — Hospital — Monumento Cidade — Cemitério — cinco unidades médicas" e referências às "estradas". Daí por diante são dezenas de páginas vazias. A agenda não foi abandonada, mas foi retomada de trás para diante. Temos, portanto, de voltar à última página, na qual se lêem endereços e telefones de Epitácio Campos e Ernesto Dornelles e uma relação de nomes de pessoas com as quais deveria entrar em contato.

Depois recomenda: "(1) campo aviação; 2) depósitos; 3) acampamento; 4) casa Presidente; 5) hotel; 6) radiocomunicação; 7) aviação; 8) jeeps; 9) plantações (Hélio)".  
Algumas passagens com esboços de desenhos e, em seguida, sob o título Água-Esgoto, outra página. "Barragem — contratada; bombas, para importar, concorrência; adutora — em construção; R 1 em construção; R 2 em construção; usina tratamento — já feita concorrência; casa usina — em estudo; rede águas — concorrência tubos e galerias; rede água península — estudo; rede água parkway — estudo; ligação R1-RD, estudo. Esgoto — usina tratamento — estudo; Rede Sul — contratada. Água fluvial — contratada."

Novos temas são anotados:

"Estradas  
Brasília-Barreira — emenda orçamentária Senado; Brasília-Anápolis — já apresentada emenda; Brasília-Luziânia, idem.

Cidade-Parkway.  
Viaduto Norte — locação; 2A ponte Guará — contratada Rabelo administração; Ponte Bananal — estudos; passagem E. F. — contratada; passagem EF Park Way — estudo; Park Way Sul residencial — contratada terra; idem Norte até trevo, contratada terra; idem península, contratada terra; Park Way Norte residencial — estudo; estrada Sobradinho, do Norte (feita a conta).

Ruas  
Viaduto central — em concorrência; trevos e passagens — estudo — Sul; todo o arruamento da Zona Sul — contratado; passagens inferiores do Congresso — estudo; passagens inferiores palácios — estudo; Estação Rodoviária — estudo.

Eletricidade  
Linha transmissão Goiânia — contratada; linha distribuição — estudo; barragem Paranoá — contratada; usina Paranoá — contratada.

Telefone urbano  
Em concorrência  
Telefone interurbano  
em estudo a concorrência  
E.F.

Brasília-Suruby — contratada em construção 86; Pirapora-Rio Sono — contratada em construção 72; Suruby-Pires do Rio — contratada em construção 150. Estação Ferroviária?"

Na página seguinte, sob o título Contratação e o subtítulo Plano Piloto, seguem-se, linha a linha, as seguintes anotações: Zona Norte — Zona Residencial Norte — Institutos; mansões; esportes; zona industrial; setor abastecimento; estação rodoviária — estação ferroviária; zona comercial Sul; zona bancária Norte; zona imprensa; Teatro Municipal; zona diversões; localização igrejas; localização bombas; Jockey Clube; Yatch Club; Golf Club.

Na página seguinte, sob o título Edifícios, anotou: "Palácio Alvorada — terminado; hotel — Brasília P.H. — terminado; Supremo — contratado, em construção; Congresso — contratado, em construção; Ministérios — contratados, em construção estruturas e pisos; Catedral — estudo; estação aeroporto — estudo; quartéis — estudo — institutos; cemitério — estudo."

E como anotação final:

"Cidade satélite — Taguatinga".